

**Museu Municipal de Marvão (Portugal)**  
**Origem da instituição museológica e constituição das coleções**

Paula MORGADO<sup>1</sup>

**RESUMO**

O Museu Municipal de Marvão encontra-se atualmente instalado na igreja de Santa Maria, localizada no largo de Santa Maria, junto à principal via de acesso que liga a vila de Marvão ao seu castelo.

A criação desta instituição museológica, oficialmente inaugurada nos anos oitenta do século XX, começou, na realidade, a estruturar-se algumas décadas antes, reflectindo logo na sua génese o desejo de afirmação identitária da população, com o apoio do poder político e dos investigadores ligados à história e arqueologia do concelho.

**Palavras-Chave:** Museu, Arqueologia, Marvão, Portugal

**Résumé**

Le Musée Municipal de Marvão est actuellement installé dans l'église de Santa Maria, situé sur la place de Santa Maria, près de la principale route d'accès qui relie le village de Marvão à son château.

La création de ce musée, officiellement inauguré dans les années 1980, a commencé à prendre forme quelques décennies plus tôt, reflétant dans sa genèse le désir d'affirmation de l'identité de la population, avec le soutien du pouvoir politique et des chercheurs liées à l'histoire et à l'archéologie de la mairie.

**Mots-clés:** Musée, Archéologie, Marvão, Portugal

---

<sup>1</sup> Arqueóloga. Câmara Municipal de Monforte. paula.ccm@gmail.com

O actual Museu Municipal de Marvão encontra-se instalado na igreja de Santa Maria, localizada no largo de Santa Maria, junto à principal via de acesso que liga a vila de Marvão ao seu castelo.

A criação desta instituição museológica, oficialmente inaugurada nos anos oitenta do século XX, começa lentamente a estruturar-se algumas décadas antes, reflectindo logo na sua génese o desejo de afirmação identitária da população, com o apoio do poder político e dos investigadores ligados à história e arqueologia do concelho.

Os primeiros documentos que mencionam a existência de um museu em Marvão, datam de Março de 1939, quando num excerto de uma acta de câmara, a propósito da contratação de um bibliotecário, se refere que “a Vila de Marvão é uma Vila de antigas e nobres tradições, e não faz sentido que a mesma não tenha uma boa Biblioteca e um museu, os quais já existem mas precisam de ser reorganizados por uma pessoa competente”.<sup>2</sup>

Poderá ter pesado nessa tomada de “consciência museológica” que o texto reflecte, o facto de se aproximar a data de comemoração do tricentenário da Restauração da Independência, e a reflexão em torno da cultura e dos seus símbolos, que neste contexto se materializaram nos livros e outros objectos antigos revestidos de valor histórico, que justificavam a importância e a autonomia de um povo. Nesse contexto, e de acordo com o texto da época, justificava-se a contratação de um técnico bibliotecário, com funções muito concretas de organização do espólio já existente, e por isso uma colaboração limitada no tempo, uma necessidade apenas temporária que terminaria com o completar da tarefa exigida. A forma como é encarada esta situação reflecte o pensamento político da época relativamente ao significado do museu, encarado como um espaço estático, que importava organizar, sem outro fim que o da exposição permanente e imutável dos objectos que

---

<sup>2</sup> Anexo I - CMMRV/B-A/01/122, 11 de Março de 1939 (acta de), Fólios 118v,119, 119v

reunia. Os livros da biblioteca e os objectos do museu são vistos como uma mesma realidade que importa catalogar e organizar, sendo por isso definido um responsável único, que o documento designa como “encarregado de biblioteca e museu”. Para ocupar esse lugar durante um ano, e porque se procurava contratar alguém com alguma cultura e nível de instrução, é escolhido o padre Francisco Pereira Serra, pároco da freguesia de Santa Maria de Marvão.

Desconhece-se onde estaria instalado o referido museu que aguardava organização e apenas sabemos que se situava em Marvão e que não teria as condições mais adequadas para o efeito, uma vez que num outro documento (acta de câmara) datado de Abril de 1939, por determinação do então presidente da câmara, Manuel Felix, pelo qual “foi verbalmente apresentada a consciencia de criação de um Museu Municipal”, é decidido que seja disponibilizado para instalação do museu o espaço onde se encontrava a Conservatória.<sup>3</sup> Este aspecto indica a preocupação de instalar as colecções então recolhidas num espaço público e, certamente mais digno de receber os livros e objectos antigos de grande valor cultural.

Ao longo de 1940 o museu continuou a ser tratado como um dos temas estruturantes do projecto político de Marvão, tendo já um responsável nomeado, mas provavelmente sem ter ainda mudado de local para o previsto espaço da Conservatória. Assim se deprende pela análise da documentação de Maio de 1940, onde é mencionado o novo presidente da câmara, o Major António Monteiro, que novamente reconhece a necessidade de um Museu Municipal e de um responsável com cultura e conhecimentos específicos para ocupar o lugar do padre Francisco Serra, entretanto falecido. O único espaço considerado apropriado para receber o museu foi a Secretaria do Registo Civil, situada no edifício da câmara (actual Casa da Cultura), que de acordo com determinação do presidente da câmara, deveria ser adaptada a

---

<sup>3</sup> Anexo I - CMMRV/B-A/01/122, 29 de Abril de 1939 (acta de ), Fólio 150

biblioteca, arquivo municipal e museu municipal, ainda que dividida em secções distintas.<sup>4</sup> É escolhido o pároco da freguesia de Marvão, à semelhança do que já acontecera anteriormente, para organizar, inventariar e catalogar todos os livros, documentos e objectos, num prazo máximo de 180 dias e mediante remuneração mensal de 240\$00. Terminado esse prazo, este espaço biblioteca-arquivo-museu deveria permanecer aberto diariamente entre as 12 e as 16 horas, podendo este horário ser alargado mediante o interesse dos visitantes.

Desconhece-se até que ponto este projecto de espaço conjunto para biblioteca e museu se chegou a concretizar, mas é possível que tal nunca tenha acontecido, se atendermos ao facto da documentação<sup>5</sup> referir os obstáculos e dificuldades financeiras sentidas para criar o museu, como factor impeditivo à concretização do projecto.

Datam de 1946 algumas referências ao Museu Municipal de Marvão<sup>6</sup>, de acordo com ofício de um dos proprietários dos terrenos onde se situavam as ruínas de *Ammaia* (o conde de Monsaraz), o qual se disponibiliza para contribuir para o Museu. Em ofício do mesmo ano, dirigido pela Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes à Câmara Municipal de Marvão<sup>7</sup>, é feita referência clara a um museu local onde se tinham recolhido diversas aras e outros objectos que se encontravam em posse de particulares, provenientes também das ruínas de *Ammaia*. A mesma Direcção Geral, em novo ofício enviado à C.M.M., em 1948, e assinado por Eugénio Jalhay, propõe que sejam cedidos ao Museu de Marvão, cuja inauguração se aguardava para breve, um conjunto de objectos arqueológicos da *Ammaia*. Os mesmos são cedidos ao museu local, apenas porque o seu valor arqueológico é considerado pequeno, pelo que não se justificava a incorporação num Museu de Estado, que à data seria o Museu Etnológico.

---

<sup>4</sup> Anexo I - CMMRV/B-A/01/123, Acta de 25 de Maio de 1940, Fólio 89

<sup>5</sup> Anexo I - CMMRV/B-A/01/127, 1948/08/14, 1954/05/13, 14 de Maio de 1953 (acta de), Fólio 162

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Jorge (2003), p.19

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Jorge (2003), p.21

Independentemente da escala de importância atribuída aos objectos e dos locais propostos para depósito, a Câmara Municipal de Marvão demonstra vontade em manter no concelho parte desse espólio, disponibilizando espaços para a sua exposição.

O facto de serem feitas sucessivas referências a um museu local ou municipal, aponta para o reconhecimento de um espaço com características de museu em Marvão. Em 1953 estava já instalado um museu dentro do recinto do castelo, em duas casas adaptadas para o efeito, e uma biblioteca no edifício da Câmara Municipal de Marvão. O presidente da câmara era então, e desde 1951, Manuel Berenguel Vivas, pelo que deduzimos que a instalação do museu, ainda que provisória, tenha ocorrido durante o seu mandato. Uma vez criados e em funcionamento a biblioteca e o museu, a câmara contrata um funcionário, António Eduardo Realinho Martins, como “vigilante de biblioteca e museu” para prover ao arranjo, limpeza, vigilância e outros serviços necessários. Independentemente da formação deste vigilante, a câmara reconhecia-lhe “boas referências” indispensáveis para assegurar o funcionamento do museu.

Alguns anos mais tarde, em 1958<sup>8</sup>, Afonso do Paço recomenda vivamente à Câmara Municipal de Marvão a instalação de um Museu, pelo que se depreende que o espaço de museu existente à data não reunisse condições dignificantes ou materiais suficientemente representativos da história e arqueologia do concelho, que lhe permitissem tal designação. De facto, a insistência para a criação do Museu, vem na sequência dos muitos materiais recolhidos nas ruínas de *Ammaia* e dos constantes actos de vandalismo aí perpetrados apesar da classificação deste sítio como Monumento Nacional em 1949, estatuto legal que não lhe conferiria uma protecção real. O espaço então referido como possível para este museu é a igreja de Santa

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Jorge (2003), p.40

Maria, tanto pela dimensão interior como pela do largo envolvente, que permitiria a exposição de peças de grande dimensão ao ar livre.

Durante vários anos o Museu Regional de Marvão, assim designado na documentação escrita (actas<sup>9</sup>), continuou instalado no castelo, até que em 1981 a câmara expressa vontade de proceder à sua transferência para a igreja de Santa Maria, a qual, após um período de abandono, é nos anos 70 submetida a nova campanha de obras por parte da Direcção de Monumentos da Zona Sul (Évora). Nessa altura é intervencionada a estrutura da torre sineira, que evidenciava séria ruína e realizam-se outras obras gerais de menor envergadura conducentes a dotar o edifício de condições de utilização pública.

O necessário apoio técnico para a montagem do museu tinha já sido oferecido pelos párocos Dr. Francisco Belo e Fernando Farinha, se bem que por falta de verbas o projecto não tenha avançado. A câmara endereçara mesmo vários pedidos de apoio à Direcção Geral do Património Cultural, sem contudo obter o apoio solicitado, pelo que o presidente da câmara, na altura Manuel Pedro da Paz (com mandato entre 1977 e 1985) determina que o vereador do pelouro procure reunir a verba necessária ao funcionamento do museu.

Os passos conducentes à criação do Museu Municipal de Marvão, com as características e no espaço onde actualmente se encontra, são dados de forma concreta a partir de 1985, por acção directa do então eleito presidente da câmara, sr. António Moura Andrade que, enquanto membro do anterior executivo (vereador), manifestara já vontade em avançar com esse projecto. É assim que, por iniciativa própria e dando seguimento a uma ideia que, na sua opinião, por falta de vontade política do anterior presidente, o sr. Manuel Pedro da Paz, nunca vira concretizada, procura constituir uma equipa de especialistas com conhecimentos de museologia, arqueologia e etnografia. Em 1986, após a tomada de posse, o autarca convida o Prof. Doutor Jorge de

---

<sup>9</sup> Actas da Câmara Municipal de Marvão, Anexo I

Oliveira, arqueólogo e investigador natural do concelho, para prestar apoio à criação do Museu.

O projecto do Museu Municipal de Marvão teve como princípio estruturante a preservação da memória e identidade históricas do concelho de Marvão, reflectindo as tradições, costumes e modos de vida dos marvanenses. Abarcar todos estes aspectos implicou conceber um programa museológico alargado, englobando temas como a história, arqueologia, arte e etnografia, por forma a estruturar um discurso museológico em torno das colecções já reunidas e de outros espólios que se encontravam dispersos e que importava reunir num único espaço físico.

Quando é retomado o trabalho de constituição do museu, nesta última etapa determinante dos anos 80, inicia-se um trabalho de identificação de colecções representativas da história e arqueologia de Marvão.

Nessa época e no campo da arqueologia, encontravam-se dispersos alguns espólios arqueológicos provenientes de trabalhos no concelho, em concreto de escavações realizadas em monumentos megalíticos e na cidade romana de *Ammaia*, já parcialmente tratados e estudados, mas em locais de acesso restrito.

Para o tema da etnografia, do qual não havia colecções constituídas, foi solicitada colaboração ao sr. João Francisco Rosado Nunes Vidal, com apoio do então vereador da cultura, sr. José Luís Murta Ruivo. É neste campo que melhor se consegue perceber como este foi um museu nascido de dentro para fora, ou seja, um museu que deve a sua existência ao trabalho conjunto da população e da autarquia enquanto parceiros sociais, criando um espaço de identidade e memória comunitária. A partir dessa altura tem início um amplo trabalho de recolha de objectos etnográficos, conseguidos através de doações e empréstimos e, em certos casos, foram efectuadas réplicas a expensas da autarquia.

A colecção de arte sacra foi, de acordo com o testemunho oral do sr. António M. Andrade, constituída na sua maioria pelas peças da igreja de S. Tiago de Marvão, onde ao longo dos anos se reunira espólio proveniente de vários edifícios religiosos que não se encontravam ao culto ou que se encontravam em espaços sem condições de preservação dos objectos.

No museu do castelo, anteriormente referido, encontrava-se já reunida uma colecção de objectos de uso militar, que seriam posteriormente integrados no novo museu.

O espólio que iria integrar o futuro Museu Municipal de Marvão estava assim definido, em resultado dos diversos conjuntos reunidos, abrangendo as temáticas da arqueologia, etnografia, arte sacra e armaria.

A localização, a arquitectura da povoação e a paisagem envolvente, faziam de Marvão um destino turístico, com um número crescente de visitantes, mas com escassa oferta cultural face a um património tão vasto. O próprio acesso ao castelo era, na altura que antecede a criação do museu, bastante condicionado, dependendo a sua abertura de um guarda residente, funcionário da autarquia. Nesta conjuntura o museu afigurava-se como uma estrutura fundamental no processo de dignificação e projecção para o exterior da vila de Marvão.

Impunha-se encontrar um espaço físico condigno para instalar o Museu Municipal, o que foi objecto de várias discussões por parte da equipa então constituída. A igreja de Santa Maria surge como o espaço mais adequado, atendendo à sua localização, num ponto de ligação entre a povoação e o castelo, pelo facto de não se encontrar ao culto, e porque o espaço era suficientemente amplo para o fim proposto, permitindo a sua modelação conforme as exigências das colecções<sup>10</sup>.

A utilização desta igreja fora já anteriormente (anos 70), sugerida pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, para

---

<sup>10</sup> Ver planta geral da Igreja de Santa Maria – Anexo II

instalação de um museu de Arqueologia, embora tal nunca tenha chegado a ser concretizado. O facto de, durante vários anos, mesmo durante o período em que decorreram obras na igreja, terem sido guardadas naquele espaço diversas peças arqueológicas, muitas das quais provenientes das ruínas da cidade romana de *Ammaia*, pesou para que a criação de um museu vocacionado para a arqueologia fosse a opção mais óbvia.

Na preparação das colecções a expor foram sendo acrescentados novos elementos, em concreto peças de armaria, de arte sacra e de etnografia, pelo que a vocação arqueológica inicialmente pensada se alterou, passando a reunir-se um conjunto de espólio mais heterogéneo. Estavam agora reunidas as condições para adaptar a igreja de Santa Maria a museu, transformando-a num espaço de identidade local, cujas colecções ultrapassavam o domínio da arqueologia inicialmente proposto.

Em acta datada de 13 de Maio de 1986<sup>11</sup> ficou registado que “ já foi contactado o Senhor Doutor Jorge Manuel Oliveira e que este se prontificou a instalá-lo, mediante uma avença remunerada, como conservador de museu. Mais informou que o referido Senhor Doutor tem planos para no mesmo edifício meter arqueologia, arte sacra, etc., e que o período máximo até à sua abertura deve ser de aproximadamente um ano.” A partir deste momento estavam criadas as bases para efectivamente nascer um espaço museológico na igreja de Santa Maria de Marvão.

Na preparação do programa museológico e da adaptação do espaço, foram feitos vários estudos e propostas de acordo com realidades museológicas semelhantes à do futuro Museu Municipal de

---

<sup>11</sup> Anexo I - Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Marvão. Início: 11/09/1984. Fim: 22/07/1986. Livro 18

Marvão, tanto em termos de constituição das colecções como de tipo de espaço e dimensão.

As restrições financeiras do município continuaram, no entanto, a ser o grande entrave à criação do museu, pelo que todo o mobiliário necessário à exposição das colecções foi elaborado pelos serviços da autarquia marvanense. Em Abril de 1987 a câmara adquiriu madeiras e outros materiais necessários à execução de vitrines, suportes para peças de grandes dimensões, bases para peças e mobiliário para a área de recepção ao visitante.

A divisão do espaço fez-se de acordo com o discurso museológico definido em programa prévio, que abrangia os já mencionados campos temáticos de arqueologia, arte sacra, etnografia e armaria. A par do espaço de acesso ao público, criaram-se áreas de acesso restrito, como um gabinete de direcção, instalado no coro alto da igreja, uma área reservada aos funcionários, com instalações sanitárias, e uma área de recepção ao visitante na entrada principal da igreja, o que levou a que este acesso fosse eliminado, optando-se por fazer a entrada pela porta lateral.

O espólio com que o museu abre por primeira vez ao público é constituído por: peças de etnografia, doadas ou cedidas temporariamente pela população do concelho; peças de arte sacra cedidas pela Santa Casa da Misericórdia de Marvão; colecções arqueológicas provenientes de campanhas de escavação no concelho e recolhidas nas ruínas da cidade romana de *Ammaia*; colecção de armaria do anterior núcleo do castelo. A sequência expositiva segue uma organização que tem início na colecção de arqueologia, passando pela de armaria, arte sacra e etnografia. Em traços gerais esta lógica de discurso expositivo tem sido mantida até hoje, com algumas adaptações pontuais em resultado da movimentação de colecções.

Em Novembro de 1987 é finalmente inaugurado o Museu Municipal de Marvão<sup>12</sup> que, à semelhança de tantos outros museus nascidos nessa época, é da iniciativa do poder autárquico, tutelado directamente pela Câmara Municipal. Foi um museu nascido de dinâmicas locais, um projecto em que a autarquia e a população se interligaram como parceiros sociais, criando um espaço de identidade e memória comunitária.

A inauguração<sup>13</sup> ocorreu às 16.00h do dia 7 de Novembro de 1987, integrada no programa da Feira da Castanha e Festa do Castanheiro. O discurso inaugural, que a seguir se transcreve, proferido pelo primeiro director do museu e simultaneamente presidente da câmara, António Moura Andrade, foi recuperado a partir dos apontamentos que o próprio redigiu para o acto e que reproduziu verbalmente 23 anos depois<sup>14</sup>:

“ Exm.º Sr. Governador Civil, Exm.º Sr. Bispo de Portalegre e Castelo Branco, Exm.º Sr. Presidente da Comissão de Coordenação da Região Alentejo, Exm.ªs Autoridades espanholas e portuguesas, Exm.ºs amigos autarcas, minhas Sr.ªs e meus Srs,

Em primeiro lugar apresentamos as nossas desculpas a todas as Vossas Exas., pela forma simples como fomos obrigados a proceder à inauguração do museu, mas em virtude de estar a decorrer nesta vila a Feira da Castanha, festa do castanheiro, cujo êxito se tem vindo a verificar de ano para ano, foram ocupados para o efeito todos os espaços livres existentes, não sendo possível, como seria nosso desejo, arranjar sala para a sessão solene que se impunha neste acto. Cumpre-me agradecer a todos a honra que me deram com a vossa presença, correspondendo assim ao convite que lhes foi dirigido para assistirem a este acto.

---

<sup>12</sup> Anexo II – Localização do Museu Municipal de Marvão na malha urbana

<sup>13</sup> Anexo IV – Fotos 1, 2 e 3

<sup>14</sup> Anexo V - Entrevista oral concedida pelo Sr. António Moura Andrade em 15 de Maio de 2010, no Museu Municipal de Marvão.

Com a inauguração que acaba de se efectuar fica o concelho de Marvão muito mais rico, pois a partir de agora já não podemos afirmar que já não temos nada para oferecer aos inúmeros turistas nacionais e estrangeiros que diariamente nos visitam senão aquilo que a natureza foi pródiga em nos dar: bons ares e óptimas paisagens. A partir desta data será portanto possível a todas as pessoas que se deslocarem à sempre leal e nobre vila de Marvão apreciar as maravilhosas peças que se encontram expostas neste museu. É um dia particularmente feliz da nossa vida porque apesar de todas as dificuldades surgidas, com especial relevância para as financeiras, que o município que presido normalmente atravessa, foi possível atingir o objectivo pretendido, cujo sonho há longos anos pretendíamos ver realizado e que finalmente se concretizou. Com esta obra foram conseguidos simultaneamente dois objectivos que consideramos extremamente importantes: o aproveitamento deste maravilhoso espaço dedicado à cultura e a criação do Museu Municipal de Marvão cuja falta se fazia sentir nesta terra de grandes tradições históricas. Quero aproveitar esta oportunidade para informar os senhores professores de todas as escolas e que aqui se encontram representados em número bastante considerável, que este espaço cultural está inteiramente ao vosso dispor para todas as visitas de estudo que pretendam organizar com os vossos alunos porque somos de opinião que todos devem ter conhecimento da riqueza que existe no nosso concelho, muito especialmente a juventude.

Finalmente uma palavra de profundo agradecimento para todas as pessoas que de qualquer modo contribuíram para a organização deste museu, porque sem a boa vontade de todos, sem qualquer excepção, não teria sido possível esta obra. Não posso, no entanto, deixar de mencionar o nome de três pessoas que empregaram todo o seu esforço, toda a sua dedicação, todo o seu saber, todo o seu dinamismo para que esta inauguração fosse hoje uma feliz realidade. Trata-se dos

Srs. Doutor Jorge Manuel Pestana Forte de Oliveira, João Francisco Rosado Nunes Vidal e José Luís Murta Ruivo, vereador da cultura.

Obrigado.”

A partir dessa data o Museu Municipal de Marvão passa a servir como espaço de recepção para as mais diversas entidades políticas, constituindo um ponto de passagem obrigatório na visita ao passado do concelho.<sup>15</sup> Conservam-se diversas fotografias que testemunham a variedade e quantidade de acontecimentos e actividades que decorrem no espaço do museu.

Relativamente ao quadro de pessoal do museu, criado em 1987, compunha-se de um Director, também presidente da Câmara Municipal de Marvão, o Sr. António Moura Andrade, o conservador e responsável técnico, o Professor Doutor Jorge Oliveira e duas jovens enquadradas pelo programa OTJ (Ocupação de Tempos Jovens), que asseguravam a abertura do museu ao público. A um desses elementos, a Sr.<sup>a</sup> Maria Manuela Mendonça Andrade, cabia a função de recepção e acompanhamento dos visitantes e a guardaria do museu. Atendendo a que desempenhava um papel fundamental ao assegurar o funcionamento do museu, e que dominava fluentemente as línguas espanhola, francesa e inglesa, fazendo o necessário enquadramento histórico a visitantes nacionais e estrangeiros, é apresentada e aceite uma proposta em reunião de câmara, para que lhe seja feito um contrato a termo, com início em 1 de Abril de 1988. Em Abril desse mesmo ano foi elaborado e colocado à consideração de Assembleia Municipal o Regulamento do Museu Municipal de Marvão e estabeleceu-se o preço das entradas, no valor de 100\$00, que figurava nos bilhetes que nessa altura se mandaram imprimir. Um folheto sobre o museu e as colecções<sup>16</sup>, distribuído por primeira vez no dia da inauguração, disponibilizava informações técnicas e enquadrava o visitante quanto à realidade histórica de Marvão, funcionando como complemento às

---

<sup>15</sup> Anexo IV – Foto 4 e 5

<sup>16</sup> Folheto reproduzido no anexo VI

explicações orais dos funcionários. Foi desta forma, com um quadro de pessoal relativamente restrito, que o Museu Municipal de Marvão iniciou a actividade de valorização, exposição e divulgação das suas colecções.

Em 1999, já no final do mandato em que se inaugura o museu, e para que a existência desta instituição cultural fosse salvaguardada das vicissitudes resultantes da mudança das forças políticas dentro da autarquia, o então presidente da câmara abdica do seu cargo enquanto Director do Museu Municipal, transferindo-o para o conservador, elemento que estivera desde o primeiro momento associado à criação do museu e que não mantinha ligações político partidárias que pudessem comprometer a continuidade do projecto do museu. A nomeação do director resultou de uma proposta da Câmara Municipal de Marvão, submetida a votação em Assembleia Municipal, no âmbito da qual foi aprovada por unanimidade, pelo reconhecimento do trabalho realizado pelo conservador, o Prof. Doutor Jorge de Oliveira, enquanto investigador e impulsionador do Museu Municipal de Marvão.

A constituição das colecções nem sempre foi um tema pacífico e a localização das mesmas sofreu ao longo dos tempos algumas mudanças de espaço e de apresentação, de acordo com diversas condicionantes técnicas e políticas. A história das colecções decorre por isso, e com alguma frequência, desligada da história da instituição museu onde acabam por ser depositadas.

Algumas das colecções inicialmente existentes no Museu Municipal de Marvão (em 1987) foram sendo integradas noutros núcleos museológicos que surgiram cerca de uma década depois da sua inauguração. Em finais dos anos 90 o núcleo de epigrafia romana do Museu Municipal de Marvão foi deslocado para a Fundação Cidade de *Ammaia*, quando em 2000 é inaugurado o museu da cidade romana. Também nesse ano foram transferidas peças de armaria para o Núcleo Museológico Militar, que foi instalado no castelo de Marvão. Este núcleo integra peças do Museu Municipal, do Museu Militar e da Liga de

Combatentes e, em resultado das más condições de conservação que o edifício onde estava instalado apresentava, regressou em 2010 ao Museu Municipal de Marvão. À excepção do espólio entretanto deslocado para o museu da cidade romana de *Ammaia*, o Museu Municipal de Marvão mantém presentemente o espólio com que inaugurou, sendo significativo o conjunto de peças de arte sacra, sobretudo escultura, que se encontra em crescimento, fruto de uma política activa de incorporação de novas peças.

O espólio reunido para integrar a exposição permanente do Museu Municipal de Marvão teve origens diversas, de acordo com o campo temático e características dos objectos, resultando tanto de colecções pré existentes como de colecções propositadamente constituídas para o museu.

O projecto museológico para o museu Municipal de Marvão foi delineado para as áreas temáticas da arqueologia e arte sacra, nas quais se enquadravam a maioria dos objectos musealizáveis, provenientes tanto de trabalhos arqueológicos como de depósitos de igrejas. A colecção de armaria foi também incluída em virtude da vocação defensiva e militar da fortaleza de Marvão. A vertente etnográfica foi acrescentada posteriormente, por determinação política, reforçando a participação e apego comunitário da população aos objectos que contam a sua história.

Uma parte significativa do espólio arqueológico, constituído pela colecção epigráfica proveniente da cidade romana de *Ammaia* estava reunida na câmara velha de Marvão, para onde foi levada a partir do castelo de Marvão, em resultado de obras aí realizadas nos anos 40 do século XX. Esse espólio era resultante de várias recolhas no terreno, por certo com conhecimento do maior proprietário dos terrenos onde se situavam as ruínas, o conde de Monsaraz, que em ofício datado de 1946<sup>17</sup> respondendo ao pedido da Câmara Municipal de Marvão,

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Jorge (2003), p.19

autoriza que sejam levadas dos seus terrenos as peças com interesse arqueológico, contribuindo assim para o aumento do espólio do Museu Municipal de Marvão, nome pelo qual designa o espaço expositivo do castelo de Marvão. Sabemos<sup>18</sup>, no entanto, que a boa vontade demonstrada pelo conde em colaborar com a autarquia encontrou por diversas vezes entraves na resistência da condessa em permitir sequer a entrada nas suas propriedades. Outra parte da colecção arqueológica, composta por materiais cerâmicos e líticos, resultou de trabalhos arqueológicos planeados, em antas, necrópoles e povoados do concelho, em concreto: Anta da Bola da Cera, Anta das Castelhanas, Anta da Cabeçuda, Anta da Figueira Branca, Anta dos Pombais, Anta da Tapada do Castelo, Anta da Laje dos Frades, Necrópole romana dos Pombais, Povoado da IIª idade do Ferro dos Vidais, Povoado das Lapas dos Vidais (neolítico/calcolítico).

A maioria destes materiais encontrava-se, em 1987, reunida em Santo António das Areias onde, desde o início dos anos 70 e por iniciativa privada, foi criado um pequeno espaço com características de museu, que abria a pedido dos interessados. Nele se reuniam variadíssimos fragmentos de peças arqueológicas, a grande maioria recolhidos à superfície nas ruínas romanas de *Ammaia*, por vezes à revelia do rendeiro que, por indicação da proprietária, a condessa de Monsaraz, conforme já referido, se recusava a permitir a recolha de quaisquer materiais. Este espaço depressa se tornou insuficiente para expor as colecções que, por acção de trabalhos de recolha de um grupo de jovens da povoação, eram continuamente acrescentadas. Tendo em conta esta necessidade, a Comissão de Moradores de Santo António das Areias, criada no pós 25 de Abril, acaba por ceder um espaço para museu no edifício da Telescola da povoação. Este museu estaria aberto à comunidade, funcionando com o apoio de colaboradores não remunerados, em concreto do GDIC (Grupo de Dinamização e

---

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Jorge (2003)

Intervenção Cultural), que se forma em meados da década de setenta, constituído por jovens da terra e vocacionado para a inventariação e salvaguarda do património arqueológico. Começa como uma Secção Arqueológica do Grupo de Trabalho e Acção Cultural de Portalegre, que progressivamente vai ganhando autonomia. É sob a sua responsabilidade que é editado o primeiro folheto alusivo ao denominado “Museu Arqueológico de Santo António das Areias”, que incluía uma carta arqueológica do concelho, de acordo com o estado dos conhecimentos na época<sup>19</sup>. A par desta publicação, faziam-se alguns registos e estudos sumários dos materiais recolhidos<sup>20</sup>, a par do esforço de divulgação das colecções, que se materializa de forma marcada em 1974, com a primeira exposição arqueológica realizada em Marvão<sup>21</sup>, durante a festa anual em honra de N.ª Sr.ª da Estrela. Este grupo dedica-se também a realizar escavações arqueológicas, pelo que o espólio cresce rapidamente para o espaço disponível na Telescola, tornando-se imperativo um novo espaço de exposição.

Uma das famílias mais influentes da localidade, a família Sequeira, chega a ceder uma casa com três salas no largo da igreja de Santo António das Areias, para que o museu se possa expandir. Contudo, o espaço que se vem a afigurar mais adequado para a instalação do museu é o antigo edifício da Escola Primária, actual Junta de Freguesia, que é reformulado para o efeito. Após conclusão das obras, e contrariando o projecto inicial, apenas uma sala é destinada a museu, sendo as restantes instalações destinadas aos serviços da Junta de Freguesia de Santo António das Areias. Esta situação criou alguns constrangimentos de espaço para um museu em crescimento e originou o progressivo desinteresse dos elementos do GDIC, que com o tempo acaba por se dissolver.

---

<sup>19</sup> No anexo VII reproduz-se o folheto do Museu Arqueológico de Santo António das Areias

<sup>20</sup> No anexo VIII reproduz-se o estudo de uma epígrafe recolhida pelo Museu Arqueológico de Santo António das Areias

<sup>21</sup> Reproduz-se no anexo IX o folheto informativo da I exposição arqueológica realizada em Marvão em 1974

Com o novo projecto de museu em Marvão, nos anos oitenta, o espólio museológico aí reunido é levado para o Museu Municipal de Marvão onde permanece actualmente. Parte desses materiais tinham já sido incluídos numa exposição realizada em Marvão em 1984, por ocasião da Festa do Castanheiro, da qual se elaborou um folheto alusivo<sup>22</sup>. Contudo, as peças de maior envergadura não foram conduzidas para o museu, mas redistribuídas por vários espaços em Santo António das Areias. Esses materiais eram uma coluna proveniente da cidade romana de *Ammaia*, um peso de lagar proveniente do local da Abegoa, em Marvão e uma tina de fazer sabão, em granito, que serve presentemente de floreira. Um capitel romano das Amoreiras e outro proveniente da *Ammaia*, encontram-se hoje no museu da cidade romana.

Relativamente ao conjunto de cabeceiras de sepultura medievais, encontrava-se inicialmente exposto no adro da igreja de Santa Maria, tendo sido colocado no seu interior nos anos 60 do séc. XX. Outra parte estava no cemitério existente na cerca do convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Estrela, onde os enterramentos terminaram na década de 50. Nessa altura em que o cemitério é extinto, as cabeceiras de sepultura que ali existiam, provavelmente associadas à antiga igreja do convento são levadas para o museu do castelo. Posteriormente são também depositadas na igreja de Santa Maria onde hoje se encontram.

A colecção de arte sacra é constituída a partir de duas peças existentes na igreja de Santa Maria: a escultura de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição e a de S. Bartolomeu decapitado, esta última recuperada durante obras de beneficiação no imóvel. Do convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Estrela e da igreja de S. Tiago, ambas em Marvão, é proveniente o restante espólio. No convento existia um subterrâneo que serviu durante longos anos como depósito de materiais fora de uso, que incluía uma colecção de peças de arte sacra. Com autorização da Santa

---

<sup>22</sup> Anexo X – Folheto da exposição arqueológica realizada em 1984, em Marvão

Casa da Misericórdia de Marvão, essas peças são levadas a título de empréstimo para o museu. Situação idêntica se verificou na igreja de S. Tiago, onde de um subterrâneo que servia de armazém de objectos danificados ou fora de uso, se recuperaram paramentos, candelabros e esculturas. Da sacristia desta igreja foram ainda levadas duas peças de arte sacra, em concreto um Cristo de grandes dimensões e uma representação do Padre Eterno.

O fundo etnográfico resultou da reunião de um conjunto heterogéneo de objectos e de algumas recolhas de tradições orais que complementaram a exposição. Os trajes foram maioritariamente doados, tendo a câmara promovido a realização de algumas réplicas de peças em mau estado de conservação. O rancho folclórico, que desde há vários anos fazia por iniciativa própria algumas recolhas, contribuiu também para o enriquecimento do conjunto, emprestando algumas peças. Para representar o trabalho realizado nos fornos de produção de cal da Escusa foram recolhidos alguns objectos de trabalho do local e desenhos ilustrativos da actividade. Fruto de recolhas de terreno e tradição oral, constituiu-se um pequeno núcleo dedicado às ervas medicinais. O encerramento de várias escolas primárias proporcionou alguns objectos representativos do ensino e educação, com os quais se constituiu outro pequeno núcleo.

Para além dos objectos especificamente enquadráveis no campo da arqueologia, arte sacra e etnografia, criou-se um núcleo de armaria, composto pelas armas da última guarnição do castelo de Marvão (1866), pesos do reinado de D. Manuel que se encontravam guardados no edifício da C.M.M. e algumas reproduções de plantas do séc. XVIII /XIX. Duas peças de artilharia naval do séc. XVIII, da armada portuguesa, integram ainda a colecção. Durante vários anos montadas num baluarte do castelo de Marvão, estão presentemente no Museu Municipal. De acordo com informação oral do director do museu, são provenientes do Museu Militar de Lisboa, dadas em troca de duas outras peças que foram levadas para o castelo de S. Jorge.

Presentemente o Museu Municipal de Marvão conta entre as suas colecções com um conjunto significativo de peças de arte sacra, sobretudo escultura, a qual tem vindo a aumentar, fruto de aquisições provenientes da colecção de Rui Sequeira, ao qual foram compradas 60 imagens de Nossa Senhora. Mantém ainda o espólio arqueológico resultante de trabalhos de escavação no concelho e o espólio etnográfico com que inaugurou em 1987. Já em 2010, recebeu de volta a colecção de armaria, em resultado da dissolução do Núcleo Museológico Militar do castelo, por falta de condições ambientais que assegurassem a correcta preservação dos materiais.

O espólio do Museu Municipal de Marvão abrange assim áreas temáticas distintas como a arqueologia, arte sacra, etnografia e armaria, sendo a quase totalidade dos objectos provenientes do concelho de Marvão.

Em suma, do que foi possível recuperar da história recente do Museu Municipal de Marvão, ainda que num primeiro momento como entidade mista que reparte o espaço entre livros e objectos antigos, sabemos que já existiria, ainda que de forma embrionária, antes de 1939. Os responsáveis pela sua organização e conservação foram, numa fase inicial os párocos da freguesia de Marvão, ainda que não se conheça com rigor como foram reunidas as colecções então já existentes. Em 1953 encontra-se já em funcionamento um pequeno museu, mas é apenas em 1987, após a adaptação da igreja de Santa Maria, que se concretiza o projecto do Museu Municipal de Marvão.

A inauguração do Museu Municipal de Marvão tal como existe actualmente significou, para além do concretizar de um projecto político, a identificação de uma população com o seu passado através do património histórico que a caracteriza e se materializa de forma intemporal através dos objectos.

## **BIBLIOGRAFIA**

*Câmara Municipal de Marvão e Comissão de Candidatura de Marvão a Património Mundial*. Marvão, obra única do homem e da natureza, 1999.

COELHO, Possidónio M. Laranjo (2001) - Terras de Odiana. Subsídios para a sua história documentada. Medobriga - Aramenha - Marvão [fac-simile da edição de 1924]. *Ibn Maruán, revista cultural do concelho de Marvão*. 11. Marvão: Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri.

KEIL, Luís (1943) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre*. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.93.

LEAL, Pinho (1875) - *Portugal Antigo e Moderno*. V. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.

MACHADO, J. L.; GORJÃO, Sérgio (1993) - O actual concelho de Marvão e suas freguesias rurais nas Memórias Paroquiais de 1758. *Ibn Maruán, revista cultural do concelho de Marvão*. 3. Marvão: Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri.

OLIVEIRA, Jorge de (1997) - Arrolamento dos bens das igrejas do concelho de Marvão em 1911. *Ibn Maruán, revista cultural do concelho de Marvão*. 7. Marvão: Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri, p.137-162.

OLIVEIRA, Jorge de (2003) - A cidade romana de Ammaia. Documentos para a sua história recente. *Ibn Maruán, revista cultural do concelho de Marvão*. 12. Marvão: Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri, p. 11-48.

PATRÃO, José D. Heitor (1999-2000) - Visitações à igreja de Santa Maria de Marvão, *Ibn Maruán, revista cultural do concelho de Marvão*. 9-10. Marvão: Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri, p.13-25.

RODRIGUES, Paulo Simões (2002) - O fresco de Santa Maria de Marvão: Santa Madalena, São Bartolomeu e Santa Margarida. *Ibn Maruán, revista cultural do concelho de Marvão*. 12. Marvão: Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri, p. 237-261.

**FONTES MANUSCRITAS**

Actas de reunião da Câmara Municipal de Marvão (Arquivo Histórico Municipal de Marvão):

CMMRV/B-A/01/122.

11 de Março de 1939 (acta de). Fólios 118v,119, 119v

CMMRV/B-A/01/122

29 de Abril de 1939 (acta de). Fólio 150

CMMRV/B-A/01/123

1939/08/19

1941/04/19

Acta de 25 de Maio de 1940. Fólio 86

Acta de 1 de Junho de 1940. Fólio 89

CMMRV/B-A/01/127

1948/08/14

1954/05/13

14 de Maio de 1953 (acta de). Fólio 162

CMMRV/B-A/01/137

1978/03/28

1982/01/19

Acta de 24 de Março de 1981. Fólio 162v

Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Marvão.

Início: 11/09/1984

Fim: 22/07/1986

Livro 18

Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Marvão.

Livro 19

Acta de 28 de Abril de 1987

Acta de 27 de Outubro de 1987

Acta de 22 de Março de 1988

Processos em arquivo na Direcção Geral dos edifícios e Monumentos Nacionais sobre a igreja de Santa Maria de Marvão:

PT DGEMN: DSARH – 010/141 – 0020

PT DGEMN: DSARH – 010/141 – 0021

PT DGEMN: DSARH – 010/141 – 0022

Arquivo fotográfico da DGEMN – Foto 166875 – Código 056/15213

## **OUTRA DOCUMENTAÇÃO**

Documentação interna do Museu Municipal de Marvão (não editada):  
Normas de funcionamento do Museu Municipal de Marvão, Câmara  
Municipal de Marvão, 2007.

**ANEXO I - Actas da Câmara Municipal de Marvão**

**Transcrição de excertos das actas de reunião da  
Câmara Municipal de Marvão**

(em depósito no Arquivo Histórico Municipal de Marvão)

**Referências:**

CMMRV/B-A/01/122

11 de Março de 1939 (acta de). Fólios 118v,119, 119v

CMMRV/B-A/01/122

29 de Abril de 1939 (acta de). Fólio 150

CMMRV/B-A/01/123

1939/08/19

1941/04/19

Acta de 25 de Maio de 1940. Fólio 86

Acta de 1 de Junho de 1940. Fólio 89

CMMRV/B-A/01/127

1948/08/14

1954/05/13

14 de Maio de 1953 (acta de). Fólio 162

CMMRV/B-A/01/137

1978/03/28

1982/01/19

Acta de 24 de Março de 1981. Fólio 162v

Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Marvão.

Início: 11/09/1984

Fim: 22/07/1986

Livro 18

Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Marvão.

Livro 19

Acta de 28 de Abril de 1987

Acta de 27 de Outubro de 1987

Acta de 22 de Março de 198

**Referência:**

CMMRV/B-A/01/122

11 de Março de 1939 (acta de )

Fólios 118v,119, 119v

“Bibliotecario contratado

Pelo senhor Presidente foi apresentado o seguinte propósito:

Tornando-se necessario contractar para o serviço de Biblioteca desta camara uma pessoa que trate mesmo com carinho e zêlo, atendendo a que o logár se encontra vágo pelo falecimento do antigo encarregado, o pº Martins Serra, falecido há cerca de quinze dias; - Atendendo a que esta camara não assume encargo que não esteja previsto no orçamento, porquanto há verba para se poder pagar á pessoa encarregada de tal serviço, o qual é de natureza especial, e não faz parte dos serviços de Secretaria; - Atendendo a que a Vila de Marvão é uma Vila de antigas e nobres tradições, e não faz sentido que a mesma não tenha uma boa Biblioteca e um museu, os quais já existem mas precisam de ser reorganizados por uma pesoa competente; - Atendendo a que se aproxima da comemoração dos centenários da fundação da Nacionalidade e da Restauração da Independência da nossa querida Patria, e é preciso catalogar convenientemente e pôr em devida ordem os livros da Biblioteca e os objectos do Museu; - Atendendo a que se trata de uma necessidade embora transitória; - Atendendo a que há necessidade de prover o logár; - Atendendo ainda a que a remuneração a dár aos funcionarios é pequena, proponho: - 1.º Que seja provido desde já por contrato de um ano, necessariamente renovado enquanto conviér a esta camara e ao respectivo funcionario, o lugar de encarregado de biblioteca e museu; - 2.º Que para o mesmo lugar seja contratado o senhor P.e Francisco Pereira Serra, solteiro, maior, eclesiástico, nomeádo pároco da freguezia de Santa maria de Marvão, nesta Vila. - 3º. Que ao mesmo funcionario seja dado por tais serviços a remuneração de 240\$00 mensais. Marvão e Sala dos serões da Câmara Municipal onze de Maio de mil novecentos e trinta e nove. O Presidente da Câmara

Manuel Felix”

**NOTA:** Em Maio de 1939 é escolhido o Major António Monteiro para presidente da Câmara.

**Referência:**

CMMRV/B-A/01/122  
29 de Abril de 1939 (acta de )  
Fólio 150

“Museu Municipal

Pelo Senhor Presidente foi verbalmente apresentada a consciencia de criação de um Museu Municipal e, para tal fizera de parecer que a Conservatória do Registo Civil fosse transferida para a casa onde funcionou em tempos a escola feminina e que se adaptasse para o Museu a dependência onde se encontra actualmente a Conservatoria. A Camara concordou com o exposto pelo senhor Presidente.”

**Referência:**

CMMRV/B-A/01/123  
1939/08/19  
1941/04/19  
Acta de 25 de Maio de 1940  
Fólio 86  
Acta de 1 de Junho de 1940  
Fólio 89

“a Rafael Alberto...., pela limpeza e guarda da Biblioteca, duzentos e sessenta escudos;”

“Biblioteca e Museu

Pelo senhor Presidente foi apresentado a seguinte propósta: - Nos termos do n.º 4 de art.º 48º do Código Administrativo, é permitido às camaras deliberar sobre a criação e conservação de bibliotecas populares, arquivos e museus municipais; Considerando que já de há muito foi reconhecida a necessidade da sua existência, e que no orçamento existe a verba precisa para remunerar o respectivo encarregado, cujas funções estiveram a cargo do falecido Martins Serra; Considerando que, por se tractar de um serviço especial, tem de ser escolhida pessoa com ilustração e conhecimentos especiais para tal; Considerando que, para sua instalação é indispensável dispôr de sala apropriada, e que para este fim só a dependência ocupada pela

Repartição de Registo Civil, reúne as condições precisas, sendo pois necessário ceder outra dependência para a Secretaria do Registo Civil, proponho: 1.º - Que, de comum acordo com o Conservador do Registo Civil, se faça a transferência da Secretaria do Registo Civil para outra dependência do edifício da Camara; - 2.º - Que a sala onde funciona presentemente a Secretaria do Registo Civil, seja adaptada a biblioteca, arquivo municipal e Museu Municipal, em secções distintas; 3.º - Que seja escolhido para encarregado destes serviços o actual pároco da freguesia de Marvão, mediante a gratificação mensal de 240\$00, com a obrigação de organizar e manter em ordem os respectivos serviços, inventariando e catalogando todos os livros, registos, objectos, etc, pertencentes às três secções, no prazo de 180 dias, findos os quais fará entrega na camara do respectivo duplicado e relatório; 4º - Decorridos os 180 dias de contracto o n.º 3 desta proposta, deverá a biblioteca, arquivo e museu, estar aberta normalmente das 12 às 16 horas, e extraordinariamente quando a vila seja visitada por estranhos, durante a sua demora em Marvão. Marvão um de Maio de mil novecentos e quarenta. O Presidente da Câmara Municipal – (a) António Monteiro. Em tempo: - A minha proposta liga-se com a apresentada pelo vogal Sr. Jerónimo de Oliveira, em 6 de Maio de 1939, na sessão de Camara, da mesma data, de cujos considerandos discórdo, pois, mais pareceu, ter em conta a assistência religiosa da sede de concelho, do que, propriamente a assistência da biblioteca, museu e arquivo municipais, que é de facto o que mais dia interessar à camara o sr. Monteiro. A Camara aprovou por unanimidade esta proposta.”

**NOTA:** Era presidente da Câmara o sr. António Monteiro

**Referência:**

CMMRV/B-A/01/127

1948/08/14

1954/05/13

14 de Maio de 1953 (acta de)

Fólio 162

“Vigilante de Biblioteca e Museu – Desde há anos que a Câmara Municipal vem empregando os seus melhores esforços e vontade para conseguir uma sua velha aspiração: a criação de uma Biblioteca e de um Museu Regional. Dificuldades de toda a ordem, designadamente na parte financeira tem obstado a que esta ideia tenha sido posta em execução. Felizmente, hoje, já se não pode dizer o mesmo visto ter-se conseguido um museu, embora muito modesto com a adaptação de duas casas no castelo e ter-se podido instalar numa das dependências do edifício da Câmara uma biblioteca que embora também modesta conta já algumas centenas de livros. Uma vez creado e a funcionar tanto a biblioteca como o museu, houve necessidade de nomear pessoa que cuidasse do seu arranjo, limpeza, vigilância etc. Para este efeito entendeu a Câmara nomear nos termos do artigo seiscentos e cinquenta e nove do Código Administrativo, o Senhor António Eduardo Rialinho Martins, casado, maior, cuidado nesta vila, pelo que a Câmara descreve as melhores referências e que reúne as condições indispensáveis para o efeito. Este senhor receberá de vencimento mensal a importância de quinhentos escudos acrescido do respectivo suplemento de noventa escudos.

Esta deliberação deverá ser submetida ao Conselho Municipal na sua próxima reunião.”

**NOTA:** Entre 1951 e 1954 era presidente da câmara o sr. Manuel Berenguel Vivas. O vereador do pelouro da Cultura, Saneamento, Assistência e Melhoramentos dentro da vila era o sr. Carlos Maria Chagas.

**Referência:**

CMMRV/B-A/01/137

1978/03/28

1982/01/19

Acta de 24 de Março de 1981, fólio 162v

“Museu Regional de Marvão: Propôs o Senhor Presidente que se devia diligenciar para organizar e pôr em funcionamento o Museu, aguardando instalação na Antiga Igreja de Santa Maria, adaptada para

o efeito pela Direcção de Monumentos da Zona Sul de (Évora), mas que por dificuldades financeiras e técnicas estão agora supridas pelo apoio que os Párocos, Doutor Francisco Belo e Fernando Farinha, se propuseram prestar-nos desinteressadamente, mas que ainda não nos foi possível por em prática por dificuldades financeiras que aliás vamos tentar ultrapassar, a fim de vermos concretizado uma velha aspiração de marvanenses, instalando-o e pondo-o à disposição do público, em conformidade com os nossos modestos recursos, já que a Direcção-Geral do Património Cultural não se sensibilizou com os apelos que oportunamente lhe fizemos. Que a Câmara procure através do Senhor Vereador do Pelouro, e com o nosso incondicional apoio, estimar em conseguir o montante indispensável para suportar as verbas julgadas convenientes ao seu normal e regular funcionamento”

**NOTA:** Entre 1977 e 1985 era presidente da Câmara o sr. Manuel Pedro da Paz. Era vereador do pelouro do Ensino, Cultura, Arqueologia e Turismo a sr.ª Maria da Conceição Machado Andrade Diniz Carita.

**Referência:**

Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Marvão.

Início: 11/09/1984

Fim: 22/07/1986

Livro 18

Acta de 13 de Maio de 1986

“- Museu de Marvão – Informou que já foi contactado o Senhor Doutor Jorge Manuel Oliveira e que este se prontificou a instalá-lo, mediante uma avença remunerada, como conservador de museu.-----

----- Mais informou que o referido Senhor Doutor tem planos para no mesmo edifício meter arqueologia, arte sacra, etc, e que o período máximo até à sua abertura deve ser de aproximadamente um ano.”-----

**Referência:**

Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Marvão.

Livro 19

Acta de 28 de Abril de 1987

“- Aquisição de madeira de castanho para casas degradadas, turismo, materias primas e subsidiárias (museu de Marvão) e Parque de Máquinas.

-Conforme proposta anexa a este livro de actas.-----

-A Câmara Municipal, concordou por unanimidade, com a proposta do Senhor Presidente, em virtude de ser urgente a aplicação do material em causa. Mais deliberou por unanimidade, que a mesma fosse apresentada à Assembleia Municipal.”

Acta de 27 de Outubro de 1987

“ – Inauguração do Museu Municipal – No Próximo dia sete de Novembro às desasseis horas e integrado no programa da Feira da Castanha e Festa do Castanheiro, está marcada a inauguração do tão desejado Museu municipal, como é costume em todos os Municípios, devem ser convidadas, várias entidades e oferecer um pequeno beberete a fim de se comemorar a inauguração.

--A Câmara Municipal, deu plenos poderes ao Senhor Presidente para fazer os convites e tratar do beberete, devendo as despesas sair de despesas de representação.”

Acta de 22 de Março de 1988

“ – Museu Municipal – O Senhor Vereador Lourenço, informou a Câmara Municipal, que o Museu se encontra aberto, estando a tomar conta do mesmo duas jovens do OTJ

- Mais informou o Senho Vereador, que o museu tem sido e continua a ser cada vez mais visitado por turistas Nacionais e Estrangeiros, pelo que urge, para o bom nome do concelho e para a sua promoção

turística, arranjar alguém com capacidade de intérprete e guia aos visitantes que o procuram.

- Nestas condições, encontra-se em regime de voluntariado, sem lhe ser atribuída qualquer remuneração ou gratificação a Senhora Maria Manuela Mendonça Andrade, que já há mais de três meses vem efectuando esta tarefa.

A referida Senhora, tem como habilitações literárias o décimo segundo ano, mais seis anos da Aliance Francaise, dominando fluentemente o Francês, Inglês e Espanhol.

- Porque reside em Marvão e lhe parecer ser justo e humano e a pessoa em causa mostrar aptidão para o cargo, propôs o Senhor Vereador, que fosse efectuado um contrato de trabalho a prazo, nos termos do Artigo quadragésimo quarto, do Decreto-Lei número duzentos quarenta e sete de dezassete de Junho (contrato de pessoal fora do quadro) pelo prazo de seis meses, como auxiliar técnica de museografia, com início em um de Abril, remunerada pela letra S e de acordo com a minuta do contrato anexa.

- Sobre este assunto, o Senhor Presidente informou que não se manifestava em virtude da pessoa em causa ser da sua família e por tal facto, não queria, nem podia tomar qualquer decisão

- A Câmara Municipal, depois de ponderar suficientemente no assunto, deliberou por unanimidade para o referido contrato, nos moldes da minuta apresentada, a qual foi rubricada por todos os intervenientes e se dá aqui como transcrita, ficando a mesma anexa a este livro de actas.

- Mais deliberou por unanimidade, dar plenos poderes ao Senhor Vereador Lourenço, como substituto do Senhor Presidente, para outorgar o referido contrato. "

Acta de 26 de Abril de 1988

" - Regulamento do Museu Municipal, propondo que seja apreciado para aprovação o regulamento em anexo, mais propondo que seja

fixada a entrada no referido Museu em cem escudos, logo que os bilhetes estejam feitos e a aprovação da Assembleia Municipal.

- A Câmara Municipal aprovou por unanimidade as propostas apresentadas pelo Senhor Presidente, devendo a mesma baixar à aprovação da Assembleia Municipal.

- Tendo as propostas em referência, depois de rubricadas por todos os Membros presentes, se dão como transcritas na íntegra, ficando as mesmas arquivadas na pasta de documentos anexa a este livro de actas.”

**ANEXO II**

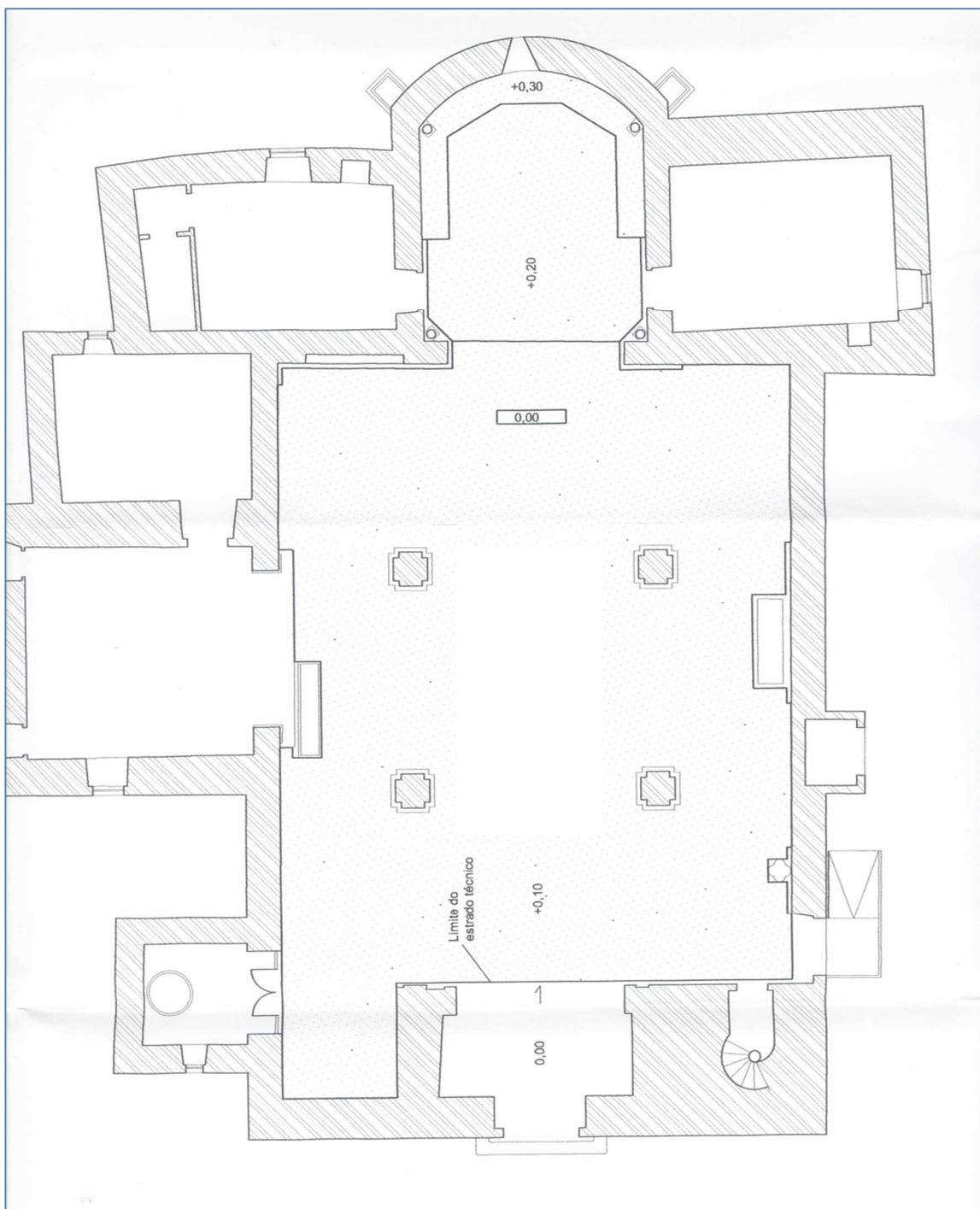


Figura 1. Planta da Igreja de Santa Maria (Museu Municipal de Marvão)



Figura 2. Localização do Museu Municipal de Marvão na malha urbana da vila. Imagem cedida pelo Museu Municipal de Marvão



Figura 3. Museu Municipal de Marvão (na atualidade)



Figura 4. Aspecto da inauguração do Museu Municipal de Marvão (1987)



Figura 5. Vista geral do Museu Municipal de Marvão no dia em que foi inaugurado (7 de Novembro de 1987)



Figura 6. Visita oficial do Dr. Aníbal Cavaco Silva ao Museu Municipal de Marvão



Figura 7. Visita oficial do Dr. Mário Soares ao Museu Municipal de Marvão



Figura 8. Primeiro folheto do Museu Municipal de Marvão

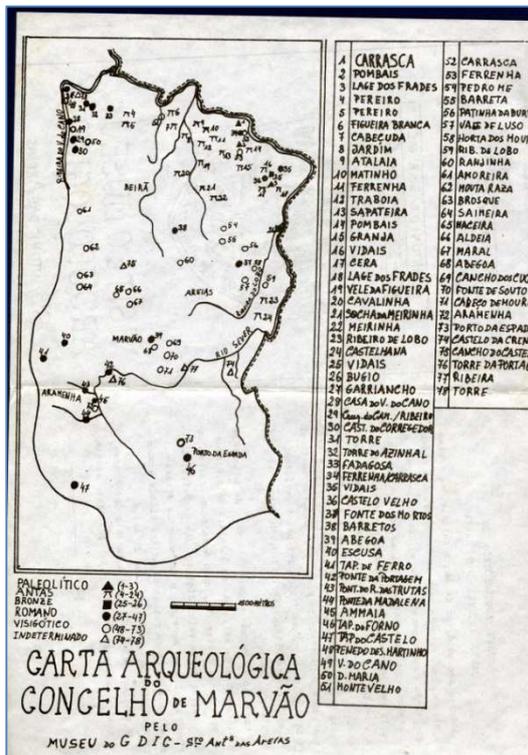


Figura 9. Folheto do Museu Arqueológico de Santo António das Areias

Figura 8. Primeiro folheto do Museu Municipal de Marvão



Figura 10. Registo de materiais do Museu de Santo António das Areias (exemplo do estudo de uma epígrafe)

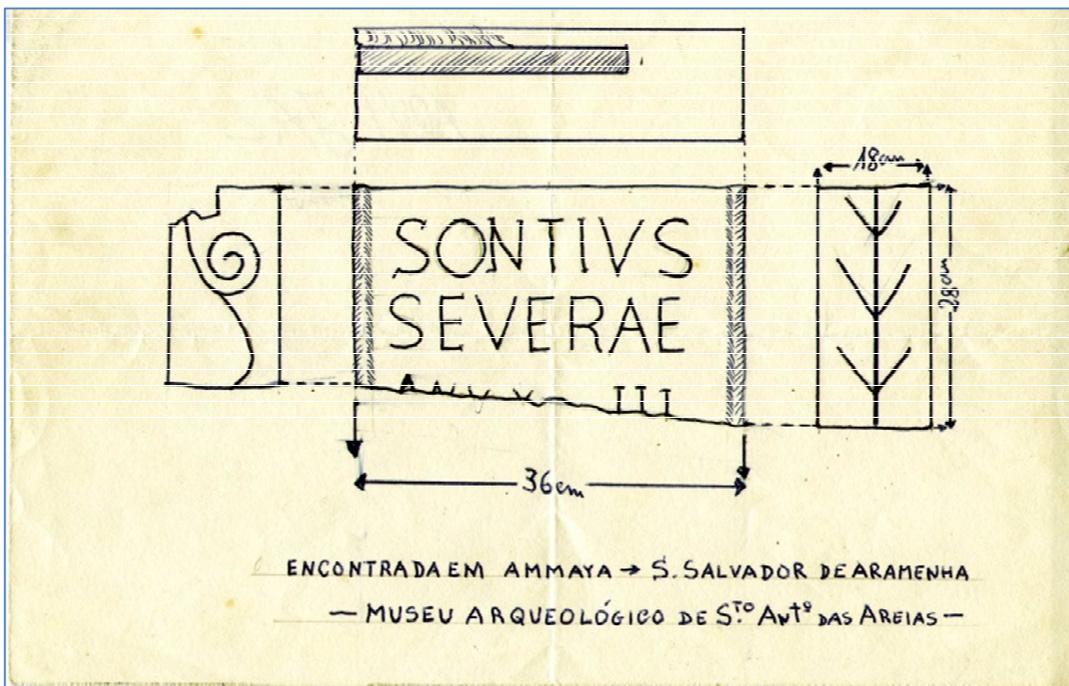
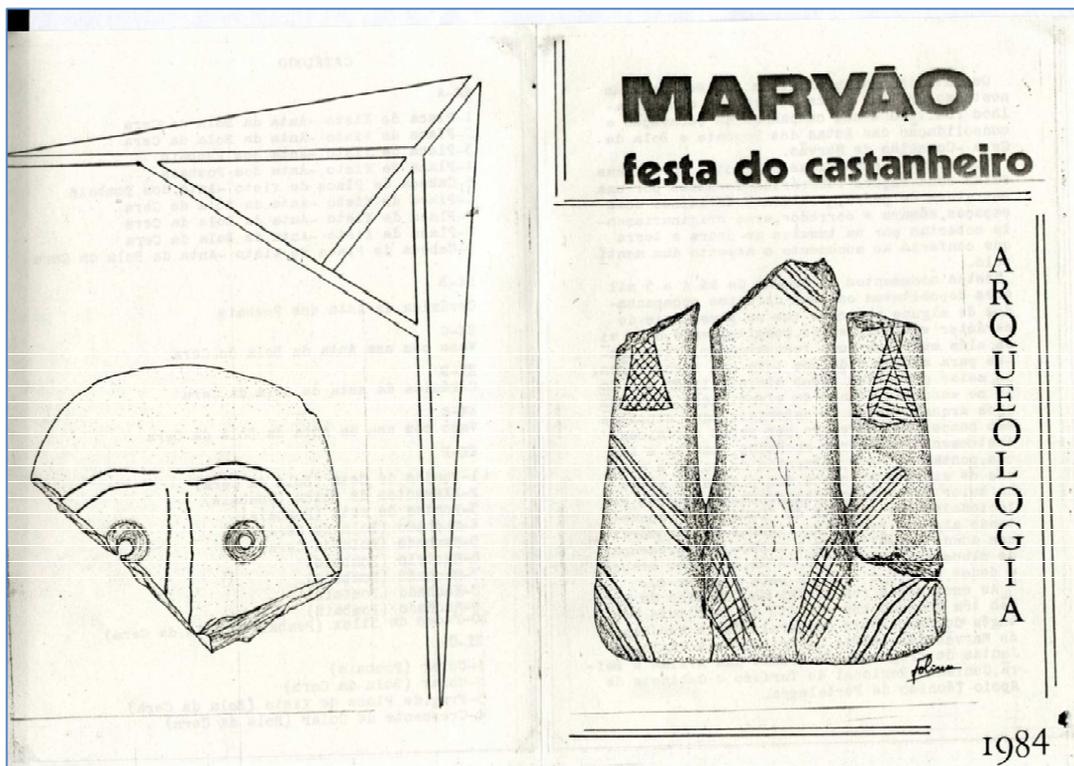


Figura 11. Folheto da 1.ª exposição arqueológica realizada em Marvão (1974)



**CATÁLOGO**

Os materiais arqueológicos que se observam nesta mostra, são parte do produto dos trabalhos realizados nas campanhas de escavação e consolidação das Antas dos Pombais e Bola da Cera -Concelho de Marvão.

Vulgarmente conhecidas por Antas ou Dolmens estas construções funerárias formadas por uma estrutura de pedra, geralmente definindo dois espaços, câmara e corredor, eram originariamente cobertas por um tumulus de pedra e terra que conferia ao monumento o aspecto dum montículo.

Nestes monumentos os Homens de há 4 a 5 mil anos depositavam os seus defuntos acompanhados de alguns objectos que se pensa hoje de carácter votivo. Crentes, possivelmente, numa vida além morte ou numa reencarnação, preocupavam-se para a nova vida com toda uma utensilagem, na maior parte dos casos miniaturizada, que hoje se encontra quando da efectivação de trabalhos arqueológicos. Os materiais aqui expostos são compostos, sobretudo, por peças cerâmicas, instrumentos de corte-machados, lamelas e facas, pontas de seta, elementos de colar e placas de xisto. A presença das placas de xisto, na maior parte decoradas, pensa-se estarem relacionadas com o culto da "Deusa-Mãe", apresentando algumas perfeitas figuras antropomórficas onde se salientam a cabeça com presença de olhos, sobrancelhas e nariz, bem como braços e dedos, como é o caso da peça nº1 (Ex-A).

As escavações realizadas no Concelho de Marvão têm contado com o apoio do Instituto Português do Património Cultural, Câmara Municipal de Marvão, Assembleia Distrital de Portalegre, Juntas de Freguesia de S. Antº das Areias e Beira, Comissão Regional de Turismo e Gabinete de Apoio Técnico de Portalegre.

**EX-A**

- 1-Placa de Xisto -Anta da Bola da Cera
- 2-Placa de Xisto -Anta da Bola da Cera
- 3-Placa de Xisto -Anta dos Pombais
- 4-Placa de Xisto -Anta dos Pombais
- 5-Cabeça de Placa de Xisto -Anta dos Pombais
- 6-Placa de Xisto -Anta da Bola da Cera
- 7-Placa de Xisto -Anta da Bola da Cera
- 8-Placa de Xisto -Anta da Bola da Cera
- 9-Cabeça de Placa de Xisto -Anta da Bola da Cera

**EX-B**

Cerâmica da Anta dos Pombais

**EX-C**

Vaso com asa Anta da Bola da Cera

**EX-D**

Cerâmica da Anta da Bola da Cera

**EX-E**

Vaso com asa da Anta da Bola da Cera

**EX-F**

- 1-Pontas de Seta (Bola da Cera)
- 2-Elementos de foice (Pombais)
- 3-Pontas de seta (Pombais)
- 4-Machado (Bola da Cera)
- 5-Machado (Bola da Cera)
- 6-Martelo (Pombais)
- 7-Machado (Pombais)
- 8-Machado (Pombais)
- 9-Machado (Pombais)
- 10-Facas de Sillex (Pombais e Bola da Cera)

**EX-G**

- 1-Colar (Pombais)
- 2-Colar (Bola da Cera)
- 3-Frag. de Placa de Xisto (Bola da Cera)
- 4-Crescente de Colar (Bola da Cera)

Figura 12. Folheto de exposição arqueológica realizada em 1984, em Marvão

**ANEXO III** – Entrevista oral ao sr. António Moura Andrade (presidente da Câmara Municipal de Marvão à data de inauguração do Museu), 15 de Maio de 2010 (Museu Municipal de Marvão)

**Paula Morgado (PM)** – Boa tarde, sr. Andrade gostava de lhe fazer algumas perguntas, ou melhor, gostava que falasse à sua vontade sobre o Museu Municipal de Marvão, mais concretamente sobre o que esteve na origem e como surgiu esta ideia de criar o museu, quais os passos que foram dados para o criar e quem de facto esteve na génese deste museu. Já anteriormente tinha havido algumas tentativas de criação de um museu aqui em Marvão, mas o museu como existe hoje, aqui instalado na igreja de Santa Maria data apenas de 1987. Gostava então que me falasse deste museu desde a origem até aos dias de hoje.

**António Moura Andrade (AMA)** – Eu posso adiantar-lhe que o que conheço melhor...eu antes de ser presidente da Câmara fui vereador durante dois mandatos, portanto seis anos, na altura eram de três anos, e várias vezes tive oportunidade de confrontar o então presidente da câmara, infelizmente já falecido, o sr. Manuel Pedro da Paz, para que se criasse um museu. Mas nunca houve oportunidade, foi passando, e quando eu fui eleito, em finais de oitenta e cinco, e portanto tomei posse em oitenta e seis, em Janeiro de oitenta e seis, foi uma das minhas principais preocupações. Ora eu lutei tanto pela criação do museu, agora sinto-me na obrigação de concretizar este sonho, porque era realmente um sonho grande. Consegui depois junto do professor Doutor Jorge Oliveira que ele me desse muito apoio, sem o apoio dele eu não tinha conseguido, naturalmente, falei com ele, começamos a lançar mãos à obra e claro, como sabe trata-se de uma igreja que estava fechada ao culto na altura e então lembrámo-nos de aproveitar este espaço, fomos falar com os responsáveis da diocese e conseguimos realmente resolver este problema. Durante o ano de oitenta e seis, não sei precisar a data, fomos lutando pela criação do museu e pela sua instalação. Recorremos depois também a outra pessoa, que não podemos deixar de mencionar, que é o sr. João Francisco Rosado Nunes Vidal, que é o homem da etnografia, é um homem muito dedicado. Nessa matéria ele também nos ajudou muitíssimo e está aí patente o trabalho dele e com a ajuda também muito

preciosa do vereador da cultura na altura, o sr. José Luís Ruivo, infelizmente já desaparecido, que foi uma pessoa que se dedicou também muito a isto, conseguimos, como dizia, ao longo deste tempo todo, não foi muito, visitamos alguns museus para nossa inspiração. Conseguimos depois, em Novembro de oitenta e sete, por altura da Feira da Castanha, que se faz aqui todos os anos por essa altura. No primeiro fim de Novembro conseguimos a inauguração e foi realmente um momento muito, muito, muito feliz na minha passagem por esta autarquia, porque era realmente um objectivo que eu queria atingir.

**P.M.** – Há pouco disse que a igreja já não estava ao culto, daqui que fosse um espaço pensado para museu, precisamente por isso, era um espaço que estava vazio, numa zona nobre da vila e seria adequado para a criação de um museu. Recorda-se desde quando é que este espaço deixou de estar ao culto?

**A.M.A.** – Não me recordo. Sei que foi muito tempo. Depois, entretanto, até sofreu algumas obras. A data não tenho ideia.

**P.M.** – Portanto não tinha qualquer tipo de utilização, estava mesmo fechada.

**A.M.A.** – Mesmo fechada

**P.M.** – As colecções, ou parte das colecções que hoje se encontram aqui no Museu Municipal, e apesar de terem sido acrescentadas desde oitenta e sete até agora, 2010, parte dessas colecções já se encontravam cá em Marvão, instaladas noutro edifício.

**A.M.A.** – Exactamente. As imagens religiosas vieram da igreja de S. Tiago e os outros objectos existiam já aí por vários locais, inclusivamente houve muitas pessoas da população, muitas mesmo, que cederam várias coisas. E há aquela parte da arqueologia, que é da responsabilidade do Prof. Jorge Oliveira, como referi há bocado, que como sabemos dedicou toda a vida dele a essa arte aqui no concelho, e tinha esse espólio todo, e que veio para aqui na altura.

**P.M.** – Na altura havia também algum espólio que é proveniente da Ammaia, da cidade romana da Ammaia. O museu inaugura com esse material da cidade romana, com esse material a que se referiu, que é resultado de doações da população, a parte de etnografia, dos trajes...

**A.M.A.** – Os trajes principalmente. Alguns evidentemente que não são originais, mas que nós mandámos fazer com orientação desse sr. Vidal que

eu referi há bocado. Havia também uma outra fase do museu, que hoje não existe, que era no espaço onde estamos estava aqui uma pequena armaria também. Depois, quando eu saí, a pessoa que me substituiu, transferiu para o museu que criou no castelo.

**P.M.** – Esse núcleo eu sei que foi para o castelo e entretanto teve que fechar porque no castelo as condições de conservação não eram as mais adequadas e está aqui novamente na igreja há muito pouco tempo.

A igreja de Santa Maria pertence á Igreja, e o sr. Andrade referiu há pouco que enquanto presidente da Câmara, logo em 1986, fez alguns contactos com a diocese...

**A.M.A.** – Onde estava também o pároco da terra, naturalmente, que era o padre Fernando Farinha, que também nos ajudou muito.

**P.M.** – E a diocese foi logo receptiva à ideia?

**A.M.A.** – Foi, não houve problemas. O que podemos mencionar, mas isso infelizmente é sempre assim, esta Câmara Municipal é uma Câmara pequenina e tem as suas dificuldades, e esse foi um dos problemas grandes porque eu herdei a câmara com problemas nesse sentido. Não tem nada que ver com o assunto, mas só para esclarecer melhor, a câmara fez uns bairros nas freguesias do concelho, depois entretanto o empreiteiro faliu e isso deu problemas graves, na altura precisamente em que eu entrei. Trouxe grandes problemas financeiros à câmara que depois foram resolvidos perfeitamente, mas na altura lutei com alguma dificuldade em arranjar verbas para o museu. Mas era uma coisa que eu gostava tanto, que tinha na mente já há tantos anos, e conseguimos vencer.

**P.M.-** Calculo que as verbas para o museu implicassem uma série de coisas. Desde logo, como a igreja estava fechada, deve ter sido necessário fazer algumas obras no imóvel.

**A.M.A.** – Sim. E os móveis, os móveis foram todos feitos por nós.

**P.M.** – Depois o mobiliário para receber os materiais foi todo feito também, e pago pela autarquia.

**A.M.A.** – Sim, sim. Felizmente que na oficina de carpintaria havia um mestre e ele é que fez realmente tudo, mas a madeira e a mão-de-obra foi tudo aqui da câmara.

**P.M.** – O material foi então todo produzido pela câmara, pelos serviços de carpintaria da câmara. E a câmara apoiou todo o processo de transferência

das peças, da casa onde estavam, que se situava exactamente onde? O anterior museu.

**A.M.A.** – Não era propriamente um museu, as peças estavam dispersas por vários locais que foram depois aqui reunidos.

**P.M.** – Lembro-me de ler numa acta antiga da câmara, salvo erro dos anos cinquenta, que houve duas casas aqui na zona do castelo que foram adaptadas para receber alguns materiais. Tem memória disso?

**A.M.A.** – Sim, sim, e ajudou-me que já não me recordava disso.

**P.M.** – Não sei exactamente onde ficavam...

**A.M.A.** – Sabe onde é o tal Museu que está fechado?

**P.M.** – O núcleo militar do castelo?

**A.M.A.** – Exactamente. E nesse pequeno largo onde está o museu há dois edifícios, hoje até está lá uma loja, no outro lado penso que não há nada, e aí é que estava realmente guardado a maior parte desse espólio.

**P.M.** – Nessa altura foi então necessário reunir um conjunto de materiais dispersos por vários espaços, como já disse. Um desses espaços era então esse do castelo, de onde provém o núcleo militar.

**A.M.A.** – Isso depois foi mais tarde.

**P.M.** – Depois temos uma parte da arte sacra, que é proveniente da igreja de S. Tiago.

**A.M.A.** – Depois havia um outro núcleo proveniente das escavações na cidade romana da Ammaia...

**P.M.** – E um outro núcleo proveniente das escavações realizadas pelo Prof. Jorge Oliveira aqui no concelho de Marvão...

**A.M.A.** – Exactamente.

**P.M.** – E ainda a outra parte de etnografia, resultado de doações, que calculo que não estivesse já constituído nessa altura, mas que se tenha criado intencionalmente para o museu.

**A.M.A.** – Sim, a ideia foi essa.

**P.M.** – E foi com ampla colaboração da população.

**A.M.A.** – Sem dúvida nenhuma.

**P.M.** – O museu era um desejo muito seu, mas que reflecte o desejo de uma população inteira.

**A.M.A.** – Sem dúvida nenhuma. Na altura foi uma grande obra para o nosso concelho e para a nossa vila. Eu dizia sempre, e referi isso no discurso de

inauguração, que vinha muita gente a Marvão, hoje vem mais, mas na altura já vinha muita gente a Marvão, e não tínhamos nada para lhe oferecer senão a beleza natural que temos, as belas vistas que temos. Então, a criação deste museu já proporcionava mostrar às pessoas que nos visitavam, aos vários turistas portugueses e de outras nacionalidades, e ao mesmo tempo ficavam um pouco dentro do sistema deste concelho, porque isto estava aqui praticamente tudo representado, tudo o bom que temos neste concelho. E foi realmente assim.

**P.M.** – Solicitaram apoio a alguma entidade oficial ou fizeram o museu apenas com as pessoas que já referiu, com o Prof. Jorge Oliveira e com o sr. Vidal...

**A.M.A.** – E com a ajuda, claro, era vereador na altura, do sr. Murta, foram as pessoas que mais directamente trabalharam. Mas foi realmente a expensas da câmara e que eu me recorde não houve financiamentos de lado nenhum.

**P.M.** – E provavelmente nem apoios de outras entidades...

**A.M.A.** – Não, a orientação total foi exclusivamente do Prof. Jorge Oliveira, não tivemos outros apoios.

**P.M.** – Com certeza que houve várias dificuldades, para além das financeiras, porque nestes processos, e este até foi um processo relativamente rápido, porque a sua tomada de posse foi em Janeiro de 1986 e o museu é inaugurado em Novembro de 2007... Relativamente às dificuldades, para além das financeiras, quais foram os principais entraves para a criação deste museu ou para que ele abrisse as portas ao público?

**A.M.A.** – Entraves não foram assim muitos, até pelo tempo que estamos a referir, mas essa rapidez deveu-se realmente ao próprio pessoal da câmara ter-se dedicado totalmente, ter tido uma força grande para nos ajudar, porque isto foi feito realmente, como lhe disse, com o prof. Jorge Oliveira e com o pessoal da câmara, com os trabalhadores que existiam, sob orientação dele, naturalmente, e todos eles fizeram isto com muito gosto. Não me lembro realmente de ter havido grandes dificuldades.

**P.M.** – Foi um projecto colectivo, com muito apoio da população, com as pessoas a sentirem que era um projecto comum.

**A.M.A.** – Exactamente.

**P.M.** – Disse-me que enquanto vereador, anteriormente a oitenta e seis, já tinha também manifestado essa vontade de criação do museu. Porque é que ele não foi criado na altura? Por falta de vontade?

**A.M.A.** – É capaz de ter sido realmente falta de vontade política, porque como sabe, estas coisas infelizmente funcionam assim. Era como lhe disse há bocado, vereador da oposição. Estas coisas são sempre um problema. Penso que isso teve um bocado de influência. A pessoa que era o presidente de câmara na altura não ligava muito a essas coisas e terá tido alguma influência, porque eles tinham a maioria...e é capaz de ter tido alguma influência não se ter avançado...

**P.M.** – Para além da questão política, foi também uma questão de sensibilidade pessoal.

**A.M.A.** – Sim, sem dúvida nenhuma.

**P.M.** – Calculo que uma obra na qual esteve tão empenhada a população, e calculo que pessoas de vários quadrantes políticos... se estava à data tão empenhada também o estaria anteriormente... porque é sobretudo um projecto da população e para a população.

**A.M.A.** – Sim, exactamente.

**P.M.** – Portanto, a criação deste museu foi para si algo fundamental durante o tempo em que foi presidente de câmara, até...

**A.M. A.** – Fui presidente até noventa e sete, foram doze anos.

**P.M.** – Sempre com apoio incondicional ao museu.

**A.M.A.** – Sim, sempre.

**P.M.** – E foi mesmo pelo seu apoio e pelo seu entusiasmo...

**A.M.A.** – Sim, eu é que realmente tive sempre esse entusiasmo e depois tive a sorte de ter pessoas que me apoiaram muito e a obra nasceu.

**P.M.** - Este museu, estou-me a lembrar não só do património móvel que tem cá dentro, mas do património integrado, desde os azulejos da capela da sr.<sup>a</sup> do Rosário até ao freso que foi recuperado, a pintura de S. Bartolomeu, mas foi já numa fase posterior essa obra de recuperação, não foi na altura em que inauguraram o museu, foi e obras posteriores de recuperação.

**A.M.A.** – Sim, penso que sim, não me recordo já bem.

**P.M.** – Há pouco falava-me do discurso de inauguração do museu. Lembra-se ainda das suas palavras nesse dia?

**A.M.A.** – Lembrar-me totalmente não. Mas andei à procura e não consegui encontrar o discurso escrito, mas encontrei estes rabiscos para o discurso.

**P.M.** - Quer lê-los?

**A.M.A.** – Exm.º Sr. Governador Civil, Exm.º Sr. Bispo de Portalegre e Castelo Branco, Exm.º Sr. Presidente da Comissão de Coordenação da Região Alentejo, Exm<sup>as</sup> Autoridades espanholas e portuguesas, Exm<sup>os</sup> amigos autarcas, minhas Sr.<sup>as</sup> e meus Srs,

Em primeiro lugar apresentamos as nossas desculpas a todas as Vossas Excas., pela forma simples como fomos obrigados a proceder à inauguração do museu, mas em virtude de estar a decorrer nesta vila a Feira da Castanha, festa do castanheiro, cujo êxito se tem vindo a verificar de ano para ano, foram ocupados para o efeito todos os espaços livres existentes, não sendo possível, como seria nosso desejo, arranjar sala para a sessão solene que se impunha neste acto. Cumpre-me agradecer a todos a honra que me deram com a vossa presença, correspondendo assim ao convite que lhes foi dirigido para assistirem a este acto.

Com a inauguração que acaba de se efectuar fica o concelho de Marvão muito mais rico, pois a partir de agora já não podemos afirmar que já não temos nada para oferecer aos inúmeros turistas nacionais e estrangeiros que diariamente nos visitam senão aquilo que a natureza foi pródiga em nos dar: bons ares e óptimas paisagens. A partir desta data será portanto possível a todas as pessoas que se deslocarem à sempre leal e nobre vila de Marvão apreciar as maravilhosas peças que se encontram expostas neste museu. É um dia particularmente feliz da nossa vida porque apesar de todas as dificuldades surgidas, com especial relevância para as financeiras, que o município que presido normalmente atravessa, foi possível atingir o objectivo pretendido, cujo sonho há longos anos pretendíamos ver realizado e que finalmente se concretizou. Com esta obra foram conseguidos simultaneamente dois objectivos que consideramos extremamente importantes: o aproveitamento deste maravilhoso espaço dedicado à cultura e a criação do Museu Municipal de Marvão cuja falta se fazia sentir nesta terra de grandes tradições históricas. Quero aproveitar esta oportunidade para informar os senhores professores de todas as escolas e que aqui se encontram representados em número bastante considerável, que este espaço cultural está inteiramente ao vosso dispor para todas as visitas de estudo que

pretendam organizar com os vossos alunos porque somos de opinião que todos devem ter conhecimento da riqueza que existe no nosso concelho, muito especialmente a juventude.

Finalmente uma palavra de profundo agradecimento para todas as pessoas que de qualquer modo contribuíram para a organização deste museu, porque sem a boa vontade de todos, sem qualquer excepção, não teria sido possível esta obra. Não posso, no entanto, mencionar o nome de três pessoas que empregaram todo o seu esforço, toda a sua dedicação, todo o seu saber, todo o seu dinamismo para que esta inauguração fosse hoje uma feliz realidade. Trata-se dos srs. Doutor Jorge Manuel Pestana Forte de Oliveira e João Francisco Rosado Nunes Vidal e José Luís Murta Ruivo, vereador da cultura. Foram estas as minhas palavras. Fiz bem em ter trazido, simples mas sentido. Como vê, está aqui quase tudo o que eu referi porque era isdto que eu sentia, eu tinha que fazer esta obra custasse o que custasse.

**P.M.** – É um discurso reproduzido vinte e três anos depois. Muito obrigada.

**A.M.A.** - Isto era um rascunho, ficou arquivado provavelmente na câmara o discurso escrito, mas foi isto que eu disse. Há bocado andei a rabiscar, a ver se ainda encontro...tenho lá assim umas coisas...durante doze anos há sempre coisas que nos marcam, e esta marcou-me e de que maneira, deve certamente até ver na maneira como eu falo, com o entusiasmo com que falo disto. E então consegui descobrir lá nos meus arquivos...

**P.M.** – Eu estive, como lhe disse, no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Marvão e a Dr.<sup>a</sup> Catarina Bucho facultou-me alguma informação, entre ela um convite da inauguração, que tem uma placa de xisto desenhada. E estive a ver também algumas fotografias do dia da inauguração e outras, de momentos posteriores, de visitas da escola aqui ao museu. É tudo material que está no arquivo, e tenho agora ainda de procurar a acta da câmara...

**A.M.A.**- Mas eu ia-lhe dizer isso precisamente. Tem que estar numa acta, nem que seja só uma única vez, mas há-de haver mais, porque para justificar as despesas tem que haver uma decisão, uma deliberação da câmara. Na altura era assim, agora parece que já não é, mas na altura era.

**P.M.** – Entre Janeiro de oitenta e seis e Novembro de oitenta e sete tem que existir esse documento.

**A.M.A.** – Eu até me inclino muito para oitenta e seis, aí é que se deve ter decidido avançar com o museu.

**P.M.** – Vou procurar então esse documento, porque com certeza que ele está lá. Mas eu queria perguntar-lhe ainda outra coisa, antes de terminarmos esta conversa. Quem foi o primeiro director do museu?

**A.M.A.** – O primeiro director fui eu. Depois mais tarde...não me recordo se o vereador da cultura chegou a ser, eu penso que sim, mas já não tenho a certeza...há-de haver uma acta, já no final do meu mandato, que talvez tenha interesse, em 1997, em que depois ficou o Prof. Doutor Jorge Oliveira como director do museu. A ideia até foi, precisamente como saíamos, não houvesse depois algum problema de acabarem com ele ou...

**P.M.** – E portanto optaram por colocar uma pessoa que politicamente estava um bocadinho à margem, era uma pessoa que também estava na origem do museu...

**A.M.A.** – Claro, que vivia isto como nós. A ideia foi realmente essa.

**P.M.** – E foi salvaguardar o museu, colocando na sua direcção uma pessoa politicamente isenta. E enquanto o Sr. Andrade era director, havia depois um responsável técnico pelo museu, e sempre foi o Prof. Jorge Oliveira.

**A.M.A.** – Sim, exactamente.

**P.M.** - Muito obrigada pela sua disponibilidade porque de facto é fundamental o discurso da pessoa que foi responsável pela existência deste museu.